
Nova continuidade dos parques

José Luiz Passos, Universidade da Califórnia, Los Angeles

O pipoqueiro dividia a rua da grama, na fronteira calçada onde parque e cidade eram um confronto. E onde se formava um cercado caminhante de pessoas com pressa. Suzano via casais de mãos dadas, desdadas, negociando os termos de um beijo público que ele não veria. Distante, a meninada em volta da bola, da pipoca, do algodão-doce, do japonês. O dia se encerrava em torno dessas estrelas baças, e em volta delas, crianças gravitavam leves.

Sentado, ele esticou a mão e tocou na casca da jaqueira, desfazendo uma trilha de formigas que escalavam pacientes. Vieram dois meninos em sua direção. Apanharam a bola e se foram. Suzano molemente no nó rijo da raiz bebia a paisagem de casais. Entre o trabalho e a casa, o parque era um pulmão. Suspiro plantado. O rapaz deixou-se estar por um momento, impondo obstáculos aos insetos. Até que se levantou e batendo o pó das calças seguiu para casa.

Foi na verdade levado por uma maré de sensações contrárias, pelos dedos de sua esposa e pela lembrança de fazer compras urgentes. Levado assim, o rapaz estancou ainda uma vez mais diante do pensamento de uma flor amarela. Que ele não apanhara. Suspeitou de si, das mãos de Clara, que tremiam quando perguntada do Souza; do silêncio seu e dela, estupefatos diante de uma confissão mútua e iminente. Tudo resvalava, e apesar da penumbra e da mudez das coisas, a clareza dos gestos traía ambos. Imediatamente doeu-lhe a lembrança do silêncio que se impôs entre ele e Clara, na sua insistência de, perdoadas as faltas, jamais esquecer os custos. O desmérito da flor era a sua mão, quase esfacelando o vegetal que ficara na praça, plantado, esperando ao lado de uma jaqueira que certamente lhe pareceria imortal, como um deus cheio de gomos rugosos e calosidades imemoriais.

Ele entrou em casa quando pensava na desproporção entre flor e árvore. Abriu a porta e piscou os olhos para se acostumar com o escuro. Não acendeu as luzes. Aos poucos a mobília se condensava saindo da penumbra. O sofá apareceu sem cor, à esquerda, como uma massa de estampas floridas. As cadeiras e a mesa eram sombras geométricas. Contou os passos até o quarto e depôs os sapatos.

Clara estava na cozinha. Houve um breve diálogo. Jantaram em silêncio. Nova rotação. De noite, as moscas não vieram. Suzano dormiu vendo Clara se mexer até dormir. Não foi sono, mais bem vigília. Imposta pela profissão de espereitar.

No segundo dia, sua volta foi em direção à flor. Que não estava mais. Outro casal, um jardineiro, ou a jaqueira — que bem poderia ter-lhe esmagado com uma de suas pernas centenárias — havia lhe dado outro destino. Suzano sentiu-se lento. Desta vez não se sentou, preservou sua estatura escorando-se na árvore, onde as formigas faziam uma curva acompanhando a forma de um coração recém talhado. Os insetos refratavam na

figura como uma flecha no órgão de celulose, emprestando-lhe circulação. Dentro estavam as inscrições "C&S". Cláudio e Sandra; Clara e Suzano. Imóvel, o rapaz agora esvaziara-se. Todo recipiente. Pensou que se trouxesse Clara ao parque, faria ela tocar no coração e nas letras, dizendo que eram suas. Sentiu-se sujo como poucas vezes. Disparando seta sobre seta, aplastou dez centímetros de formigas. Limpou o dedo na calça e virou-se pisando num calo terroso para tomar impulso e partir.

Voltou para casa com pressa, acendendo todas as luzes num desejo de claridade inadiável. Tomou um copo, encheu de água e bebeu metade. No restante, enterrou uma rosa, mimo de dois Reais colhida na floricultura. Pôs o copo em cima da mesa, com a flor inclinada, escorando-se pelas bordas do vidro.

Suzano fingia-se ocupado quando Clara entrou. Ele demorou a responder pelo seu nome. Subiu-lhe pelas narinas o cheiro terroso das raízes de outras épocas, banhadas pela chuva e por um odor familiar. Estavam Clara e a flor substituta na mesma sala. Quase na mesma mesa, onde Suzano voltaria a ser enlaçado pelas pernas dela num déjà vu original como os de a princípio: Clara rasgando panos e ele pedindo para ouvir mais. Dependiam agora de duas ou três palavras de redenção. O vermelho metáfora para o amarelo. Suzano imaginou-se dizendo: "Eu queria uma flor do parque. Amarela. Naturalmente. Apanhada de mim como um abraço. Mas pegaram primeiro e eu comprei essa rosa bonita. Bem ali." Beijariam-se. Imaginou variações até depois da ceia. Que foi toda em silêncio.

A rosa flutuava, banhada em excessos de luz elétrica e olhares do rapaz. Quase tomou-a nas mãos, se não sentisse asco. Foram dormir na mesma hora de sempre, sem quebras, com um humilde abraço casto. Destocada na sala, a rosa pendia. Talvez esperando. Ou talvez só pendesse, resultante do desvalor indeciso da compra.

Vida é matéria-prima de simetrias. No dia seguinte Clara não tinha ficado em casa. Ela encontraria o Souza num dos dias de atividade comunitária da Biblioteca. Dele Clara retinha o grave da voz e, acima de tudo, os toques. Em seu amor novedoso, recentemente consumado, Clara agia silábica, como em quase tudo mais. Amava em detalhes e minúcias. Enrubescia quando pensava no peso espesso do sexo do outro em suas mãos. Ela ainda trazia sensações frescas da mão de Souza em seu seio direito, quando segurava numa cadeira buscando desvendar cintos, braguilhas, botões. Nos abraços sem fôlego, Clara nunca pronunciava palavras inteiras; mantinha sílabas rituais, de êxtase, que se repetiam, se combinavam e se quebravam, liberando vogais longas, quase em estado puro. Do mais puro que se pode conseguir da palavra pureza.

Agora Clara já estava em casa, enxugando lembranças do Souza nas estampas da saia. Ela permanecia sólida, derretendo pelas mãos — olhos para o mundo. A casa em ordem, a roupa em ordem, e a ordem das coisas que Clara ignorava, pressentindo. Quando Suzano abriu a porta, ela apertou os olhos num gesto público. Trocaram saudações. Concordavam na fome. Cansados. O ar pesava imóvel e fazia as cabeças se inclinarem para baixo, para os lados. Soltas. Mortas como a rosa que pendia no copo. Tudo na ordem do mesmo.

Nova continuidade dos parques

Era possível que esta rosa permanecesse oculta por um dia ou dois mais. Suzano supunha que num momento qualquer, óbvio e doméstico, Clara daria com ela: descoberta vermelha e reconso. Tempo regride? Não cessa. Nenhum dos dois era o que se pode chamar de nostálgico. Já se disse que a segunda chance, a segunda vinda, a revanche, são desejos de simetrias. Suzano virou-se e foi em direção ao rádio, descansado em cima da mesa junto à rosa no copo. Ouviu-se música; enquanto no quarto Clara intuía que os pensamentos poderiam ter às vezes a cor de um vestido, ou reluzir como abotoaduras.

Suzano estancou surpreso. A rosa não estava mais. Em seu lugar ele encontrou a flor amarela. O rapaz aumentou o som um pouco mais do que de costume. Permaneceu com a mão apoiada na mesa, todo refreado, e por um breve instante pensou se madeira de jaqueira prestava para móveis. A música atravessava o ar espesso por ondas volumosas de uma maré em ressaca. Enchia, preenchia, até vazar. Nas mãos de Suzano gotejava agora a flor do parque. Original. "C&S". Substituindo a rosa substituta, decepção invisível de dois Reais. Ele pensou: "Amar ela era... como é que se diz mesmo?"

Toda velocidade possível passou pela cabeça de Suzano. Seu coração seguia mais atrás, a saltos de vigia. Olhos para o público. A flor permanecia em sua mão, molhando-se. O amarelo repunha o vermelho. Era óbvio, pensava, "Clara visitada com pressa. Ah, cuidado com os presentes que não se guardam!"

— Clara, você foi ao parque ontem?

De dentro do quarto ela estranhou: — Acho que sim, por quê?

E esperava, procurando por surpresas nas próprias mãos.

— Por nada. (Pausa) Clara...

— Que foi?

As vozes, agora graves e lentas, destacavam-se da música que tomava o apartamento. Suzano estava possuído por uma única imagem amarela e vermelha: Clara poderia ter habitado as mãos que reconverteram as flores. O rapaz sentia-se conhecido por todos os que um dia já nasceram. E tinha a impressão de que esta insondável multidão pensava nele com assombro. Tudo pareceu imediato e sem intervalos.

Pensando na flor do parque, em quantas flores amarelas nascem em quantos parques, em como ela chegara aqui, feito chaga, imaginando como seria aquele sangue de formigas que circulava no coração talhado no tronco, "C&S", em pé, em silêncio, com a flor na mão, Suzano viu-se um deus de formigas. Deus daquelas que subiam ontem a jaqueira, esta incomensurável, que deveria aparecer aos insetos como um velho país há muito descoberto. O parque, plantado de árvores, certamente era um mundo de continentes vários e comunicáveis. Mas a coleção dos parques, todos os parques cortados e costurados num mapa maleável e grosso como um tapete, essa imagem que só Suzano poderia conceber, como um oráculo, essa imensa folha terrosa e abstrata era o próprio universo das formigas. E transcendendo a todas, o dedo punitivo do rapaz, que esmagava multidões num instante de cólera, certamente anunciando um sinal do porvir.

Agarrado à flor, Suzano desvendou triste o segredo de todas as formigas existentes. Imaginava todos os parques, com todos os acidentes naturais, com os seus casais

marchando, rasgando caminhos e deitando obstáculos nas superfícies das nações rugosas de terra e celulose, em raízes e marés de barro e madeira, ilhas de bancos brancos e oásis de pipocas espalhadas ao divino acaso. O rapaz esticou o braço e chamou Clara agitando a flor. Ela veio, trazendo o seu segredo exposto nos olhos.

— E o Souza? Suzano perguntou.

— O que é que tem o Souza? Clara falava com a dedicação de quem traz as chaves há muito procuradas.

— Ele sabe que você é cega?

— Claro que sabe.

Suzano puxou as mãos de Clara e pôs a flor amarela em uma concha de dedos que se fecharam para sentir o volume úmido do vegetal. O rapaz deu dois passos para trás e viu Clara caminhar para dentro do apartamento, acendendo a luz do quarto, que agora vinha iluminar os rostos do casal. Um dos dois vestia uma máscara silenciosa de fendas contraídas. Suzano estava imóvel, assistindo ela se despir de costas. Ele recuou um pouco mais e enfim pode ver, por um breve instante, o segredo da continuidade dos parques, que se condensava na rosa vermelha enterrada no cabelo de Clara.